

**Teses sobre a Comunidade Terrível**  
Da Miséria nos Ambientes Subversivos

Tiqqun



## Génese

*ou história de uma história*

*há qualquer coisa da pobre e breve infância,  
qualquer coisa da felicidade perdida que  
não se reencontra, mas também qualquer  
coisa da vida activa de hoje, da sua pequena  
vivacidade incompreensível porém sempre  
presente, e que não se saberia como matar.*

F. Kafka

*...deita rosas no abismo e diz: "aqui está o  
meu agradecimento ao monstro que não  
me conseguiu engolir"*

F. Nietzsche, *Fragmentos Póstumos*



1.

“AQUILO QUE NUM TEMPO foi compreendido num tempo foi esquecido. Ao ponto em que já ninguém se apercebe de que a história não tem época. De facto nada acontece. Já não existe o evento. Existem só notícias. Olhar os personagens que chefiam os impérios. E arruinar o mote de Espinoza. Nada a compreender, só a chorar, ou a rir”

Mário Tronti, *La politica al tramonto*

1 bis.

ACABOU O TEMPO dos heróis. Desapareceu o espaço épico do conto que nos agrada contar e que nos agrada escutar, que nos fala daquilo que poderíamos ser mas não somos. O irreparável é agora o nosso ser-*assim*, o nosso ser-*ninguém*, o nosso ser Bloom<sup>1</sup>.

E é do irreparável que devemos partir, agora que o nihilismo mais feroz passou para o lado dos dominantes.

Devemos partir porque “ninguém” é o outro nome de Ulisses, e porque não deve importar a ninguém alcançar Ítaca ou naufragar.

---

1. Bloom (blum): origem desconhecida; 1 - *Stimmung* final de uma civilização fechada sobre o próprio umbigo e que não consegue distrair-se do seu naufrágio, a não ser graças à alternância de curtas fases de histeria tecnófila e de longos períodos de abstinência contemplativa; 2 - Forma de existência crepuscular, apesar de comum, dos singulares no mundo da mercadoria autoritária; 3 - Sentimento de ser póstumo. 4 - Acto de morte da política clássica; 5 - Acto de nascimento da política estática; 6 - A assumpção que determinou a formação de vários focos do Comité Invisível, conjura anónima que, das sabotagens às sublevações populares, acabou por liquidar o domínio mercantil no primeiro quarto do séc. XXI. “*Os espectadores fixam-se quando o comboio passa*” (K.)

2.

NÃO É AGORA O TEMPO de *sonhar* aquilo que seremos, aquilo que faremos, agora que podemos ser tudo, que podemos fazer tudo, agora que nos é concedida toda a nossa potência, com a certeza de que o esquecimento da alegria nos impedirá de a dispersar.

É aqui que ocorre abandonar-se ou morrer. O homem é verdadeiramente algo que deve ser superado, mas para isso deve antes ser ouvido naquilo que tem de mais exposto, de mais raro, para que *aquilo que resta* não se perca na passagem. O Bloom, resíduo irrisório de um mundo que não pára de o trair e de o exilar, exige fazer as bagagens: exige o *êxodo*.

Mas, frequentemente, quem parte não encontra os seus e o êxodo transforma-se em exílio.

2 bis.

DO FUNDO deste exílio surgem todas as vozes, e neste exílio todas as vozes se perdem. O outro não nos acolhe, reenvia-nos ao outro que há em nós. Abandonamos este mundo em ruínas sem remorsos e sem piedade, empurrados por um vago sentido de pressa. Abandonamo-lo como os ratos deixam um navio, sem necessariamente saber que está ancorado a um porto. Não há nada de "nobre" nesta fuga, nada de grande que possa ligar-nos uns aos outros.

No fim estamos ainda sós com nós próprios, porque decidimos não combater mas conservarmo-nos. E isto não é ainda uma acção, mas uma reacção.

3.

UMA MULTIDÃO DE HOMENS que foge é uma multidão de homens sós.

4.

NÃO SE ENCONTRAR é impossível: os destinos têm o seu *clinamen*<sup>2</sup>. Mesmo no limiar da morte, na ausência de nós próprios, os outros não param de chocar no terreno limite da fuga.

Nós e os outros: separamo-nos por desgosto, mas não nos conseguimos unir por escolha. E no entanto encontramos-nos unidos.

Unidos e fora do amor, ao descoberto e sem protecção recíproca. Assim éramos antes da fuga. Assim somos desde sempre.

5.

NÃO QUERÍAMOS apenas fugir, ainda que tenhamos deixado este mundo porque nos parecia intolerável. Sem cobardia: fizemos as malas. O que queríamos não era lutar contra um qualquer, mas com um qualquer. E agora que não estamos mais sós, silenciaremos esta voz que vem de dentro, para alguns seremos companheiros, não seremos mais os *indesejáveis*.

Será necessário o esforço, será necessário silenciar, porque se até agora ninguém nos quis, agora as coisas mudaram. Não fazer perguntas, aprender o silêncio, aprender a aprender. *Porque a liberdade é uma forma de disciplina.*

---

2. [nt] "Por Vezes," escreveu Lutécio, "em lugares e tempos incertos, o eterno e universal movimento dos átomos é perturbado por um leve desvio — o *clinamen*. O vortex resultante dá origem ao mundo e a todas as coisas naturais."

6.

A PALAVRA faz o seu avanço, prudente, preenche os espaços entre as solidões singulares, dilata os agregados humanos em grupos, empurra-os juntos contra o vento, o esforço reúne-os. É quase um êxodo. Quase. Mas nenhum caminho os mantém juntos, senão a espontaneidade dos sorrisos, a crueldade inevitável, os acidentes de paixões.

7.

ESTA PASSAGEM, parecida com aquela dos pássaros migrantes, ao murmúrio das dores errantes, dá pouco a pouco forma às comunidades terríveis.

## **Efectividade**

*da razão pela qual a esquizofrenia  
é mais do que uma doença  
e de como, mesmo sonhando com o êxtase,  
se chega à endovigilância.*



1.

“Dizem-nos: o esquizofrénico também tem um pai e uma mãe? Lamentamos responder que não, que não os tem enquanto tais. Tem somente um deserto e as tribos que lá habitam, um corpo cheio e multiplicidades que se atacam entre elas”.

G. Deleuze, F. Guattari, *Mille Plateaux*

1 bis.

A COMUNIDADE TERRÍVEL é a única forma de comunidade compatível com este mundo, com o Bloom. Todas as outras comunidades são imaginárias, não impossíveis mas possíveis só a momentos e, de qualquer modo, nunca na plenitude da sua actuação. Emergem nas lutas e são então heterotopias, zonas opacas ausentes de qualquer cartografia, perpetuamente em acto de constituição e em vias de desaparecimento.

2.

A COMUNIDADE TERRÍVEL não é só possível; é já *real*, está já *em acto*. É a comunidade *dos que sobram*. Nunca existe em potência, não tem devir nem futuro, nem fins verdadeiramente exteriores a si, nem desejo de se transformar em outra coisa, só desejo de *persistir*. É a comunidade do atraçoamento, luta contra o seu próprio devir: trai-se sem se transformar nem verdadeiramente transformar o mundo à sua volta.

2 bis.

A COMUNIDADE TERRÍVEL é a comunidade dos Bloom, porque no seu interior nenhuma desobjectivação tem direito a existir. De fora, para lá entrar é preciso primeiro meter-se entre parêntesis.

3.

A COMUNIDADE TERRÍVEL não existe, senão nas dissensões que momentaneamente a atravessam. No resto do tempo, a comunidade terrível simplesmente é, eternamente.

4.

APESAR DISTO, a comunidade terrível é a única a encontrar-se dado que o mundo, enquanto lugar físico do comum e da partilha, desapareceu e dele não resta mais do que uma quadrícula imperial a percorrer. A própria mentira do "homem" já não encontra mais mentirosos para se afirmar.

Os não-homens, os já-não-homens, os bloom já não conseguem *pensar*, como podia acontecer em tempos, porque o pensamento era um movimento no interior do tempo e a consistência do tempo alterou-se. Para além disso, os Bloom renunciaram a sonhar, habitam distopias organizadas, lugares sem lugar, interstícios sem dimensão da utopia mercantil. São planos e unidimensionais porque, não se reconhecendo em lugar algum, nem em si próprios nem nos outros, não reconhecem nem o seu passado nem o seu futuro. Dia após dia a sua resignação apaga o presente. Os já-não-homens populam a crise da presença.

5.

O TEMPO da comunidade terrível é espiraloforme e de consistência viscosa. É um tempo impenetrável no qual a forma-projecto e a forma-hábito se penduram sobre a vida deixando-a privada de profundidade. Podemos defini-lo como o tempo da liberdade ingénua, no qual todos fazem aquilo que querem. Porque é impossível querer algo para além do que já existe.

Podemos dizer que é o tempo da depressão clínica, ou o tempo do exílio e da prisão. É uma espera sem fim, um esticar uniforme de descontinuidades desordenadas.

6.

O CONCEITO DE ORDEM na comunidade terrível foi abolido para dar lugar à efectividade da relação de força e o conceito de forma substituído por uma prática de formalização que, não tendo controle sobre os conteúdos à qual se aplica, é eternamente irreversível. À volta de falsos rituais, falsos prazos (manifestações, férias, assembleias várias, reuniões mais ou menos festivas), a comunidade coagula-se e formaliza-se sem nunca tomar *forma*. Porque a forma, sendo sensível e corruptível, expõe ao devir.

6 bis.

NO SEIO da comunidade terrível a informalidade é o meio mais apropriado à construção inconfessada de impiedosas hierarquias.

7.

A REVERSIBILIDADE é o signo sob o qual se coloca cada evento que tem lugar na comunidade terrível.

Mas é esta mesma reversibilidade, com o seu séquito de medos e de insatisfações, que é irreversível.

8.

O TEMPO da reversibilidade infinita é um tempo ilegível, não-humano. É o tempo das coisas, da lua, dos animais, das marés, não dos homens, e muito menos dos já-não-homens, porque estes últimos já não são capazes de pensar, enquanto os outros ainda conseguiam.

O tempo da reversibilidade não é mais do que o tempo daquilo que é irreconhecível a si próprio.

9.

PORQUE não abandonam os homens a comunidade terrível? – perguntar-se-à. Podemos responder que é devido ao facto de que o mundo já-não-mundo é ainda mais inabitável do que esta; mas cairíamos na armadilha das aparências, numa verdade superficial, porque o mundo é tecido da mesma inexistência agitada da comunidade terrível: há entre eles uma continuidade escondida que para os habitantes do mundo e para aqueles da comunidade terrível continua indecifrável.

10.

AQUILO que é sublinhado é que o mundo extrai a sua própria existência mínima, que nos consente o decifrar a sua inexistência substancial, da existência negativa da

comunidade terrível (por marginal que possa ser) e não, como se poderia crer, o contrário.

11.

A EXISTÊNCIA NEGATIVA da comunidade terrível é, em última análise, uma existência contra-revolucionária, já que defronte à subsistência residual do mundo contenta-se em querer só uma plenitude superior.

12.

A COMUNIDADE TERRÍVEL é terrível porque se autolimita, ainda que não repouse em nenhuma forma, porque não conhece o êxtase. Raciocina com as mesmas categorias do mundo já-não-mundo, sem sequer ter razões para o fazer. Conhece os direitos e as indiferenças, mas codifica-as sobre a base da falta de coerência do mundo que contesta. Critica a violação de um direito, mete-o a descoberto, chama a atenção. Mas quem estabeleceu (e violou) tal direito? O mundo ao qual se recusa pertencer. E dirige o seu discurso à atenção de quem? Do mundo que nega. O que deseja então a comunidade terrível? *A melhoria do actual estado das coisas*. E o que deseja o mundo? *A mesma coisa*.

13.

A DEMOCRACIA é o caldo de cultura de cada comunidade terrível. O mundo já-não-mundo é o mundo no qual o litígio original e fundador do político se desvanece em favor de uma visão gestora da vida e do vivente, o biopoder. Neste sentido, a comunidade terrível é uma

comunidade biopolítica porque também essa fundamenta a sua unanimidade maciça e quase militar no apaziguamento do litígio fundador do político, o litígio entre formas-de-vida. A comunidade terrível não pode permitir que no seu seio exista um *bios*, uma vida não conformada organizada livremente, pode apenas permitir a sobrevivência nas suas fileiras. Do mesmo modo, a continuidade escondida entre a democracia e as comunidades terríveis depende do facto de que o litígio foi abolido entre os dois, impondo uma unanimidade que é ao mesmo tempo desigualmente partilhada e violentamente encerrada numa colectividade que deve tornar possível a liberdade. Acontecerá então, paradoxalmente, que as fileiras da democracia biopolítica sejam mais confortáveis do que as da comunidade terrível, já que o campo de jogo, a liberdade dos sujeitos e os constrangimentos impostos pela forma política são, num regime de verdade biopolítica, inversamente proporcionais.

14.

QUANTO MAIS um regime de verdade biopolítica pretenda uma abertura à liberdade, mais será um regime policial e, delegando à polícia o dever de reprimir as insubordinações, mais deixará os seus sujeitos num estado de relativa inconsciência, de quase-infância. Para compensar, num regime de verdade biopolítica no qual se pretende *realizar* a liberdade sem pôr em discussão a forma, exigir-se-á dos que participam a introdução da polícia no próprio *bios*, com o potente protesto de que *não existe outra escolha*.

Escolher a pseudo-liberdade concedida pelas

democracias biopolíticas - quer seja por necessidade, por jogo ou por sede de prazer - por quem fez parte de uma comunidade terrível equivale a uma degradação ética *real*, porque a liberdade das democracias biopolíticas não é mais do que a liberdade de se poder comprar e de se poder vender.

15.

DO MESMO MODO, do ponto de vista das democracias biopolíticas unificadas em Império, aqueles que se alinham com as comunidades terríveis passam de um regime político de troca mercantil (de gestão) a um regime político militar (de repressão). Agitando o espectro da violência policial, as democracias biopolíticas conseguem militarizar as comunidades terríveis, tornar a sua disciplina interna ainda mais dura do que noutros sítios; e isto com o fim de produzir um crescendo de intensidade que torne eventualmente preferível a mercadoria à luta, a liberdade de circular, tão entusiasticamente recomendada pela polícia e pela propaganda mercantil - "circulem, aqui não há nada a ver!" - à liberdade de *ver o outro*, o confronto, por exemplo.

Para aqueles que aceitam trocar as liberdades mais altas, as de poder lutar, pela liberdade mais reificada, aquela de poder comprar, há já vinte anos que as democracias biopolíticas dispõem de confortáveis postos para empreendedores biopolíticos, absolutamente na moda - o que seriam, de outra forma, sem os seus "circuitos"?

Enquanto os *fight clubs* não proliferarem universalmente, ginásios, agências de publicidade, bares da moda e carrinhas da bófia não deixarão de crescer

exponencialmente. E as comunidades terríveis serão o modelo desta nova mudança da evolução mercantil.

16.

COMUNIDADES TERRÍVEIS e democracias biopolíticas podem coexistir numa relação vampiresca, porque ambas se vivem a si próprias como mundos já-não-mundos, isto é, como mundos sem exterior. O seu ser-sem-exterior não é uma convenção terrorista agitada para garantir a fidelidade dos sujeitos que fazem parte da democracia biopolítica ou da comunidade terrível, mas é uma realidade na medida em que se trata de duas formações humanas que se sobrepõem *quase completamente*.

Não há participação consciente na democracia política sem uma participação inconsciente numa comunidade terrível, e vice-versa. A comunidade terrível não é só uma comunidade de contestação social ou política, uma comunidade militante, mas é tendencialmente tudo aquilo que procura existir como comunidade no interior da democracia biopolítica (a empresa, a família, a associação, o grupo de amigos, o bando de adolescentes). E isto na medida em que toda a partilha *sem fim* – em ambos os sentidos da expressão – é uma ameaça *efectiva* à democracia biopolítica, que se baseia numa separação através da qual os seus sujeitos já não são sequer indivíduos, mas apenas *divíduos* divididos entre duas participações necessárias ainda que contraditórias, entre a comunidade terrível e a democracia biopolítica. Do mesmo modo, uma das duas participações deve inevitavelmente ser vivida como clandestina, indigna, incoerente.

A guerra civil, expulsa da publicidade, refugiou-se no interior dos indivíduos. A linha da frente, que já não passa no meio da sociedade, coloca-se agora no meio do Bloom. O capitalismo *exige* a esquizofrenia.

17.

O PARTIDO IMAGINÁRIO é a forma que assume esta esquizofrenia quando se torna ofensiva. Está-se no partido imaginário não quando não se está nem na comunidade terrível nem na democracia biopolítica, mas quando se age para destruir ambos.

18.

AQUILO QUE SE DEFORMA deforma-se, mas não pode ser destruído. E no entanto a vida entre os massacres não só é possível, como está efectivamente presente. A inteligência superior do mundo *está* na comunidade terrível. A salvação do mundo enquanto mundo, que persiste no seu estado de relativa decomposição, residirá portanto no adversário que jurou destruí-lo. Mas como poderia este adversário destruí-lo, se não pagando o preço do seu próprio desaparecimento enquanto adversário? Poderia, dizem-nos, constituir-se positivamente, fundar-se, dar-se leis próprias. Mas a comunidade terrível não tem vida autónoma, não encontra em lado algum o acesso ao devir. É só a última astúcia de um mundo em desagregação para sobreviver ainda mais um pouco.



### **Afectividade**

*do porquê do frequente desejo por aquilo que faz a nossa infelicidade (tanto que se chega a ter saudades dos belos tempos dos casamentos combinados).*

*e da razão pela qual as mulheres não dizem aquilo que pensam.*

*fala-se também da insuficiência das boas intenções.*

*Atenção! Capítulo de leitura perigosa já que todos são postos em causa.*

*GIOCASTA - O que é o exílio? De que sofre o exilado?*

*POLINICE - Do pior dos males: de não poder dizer a verdade.*

*GIOCASTA - É de escravo não dizer aquilo que se pensa.*

*POLINICE - E dever dobrar-se perante a imbecilidade de quem comanda...*

*GIOCASTA - Sim, é isto, fazer de estúpido entre os estúpidos.*

*POLINICE - Por interesse violenta-se o próprio temperamento.*

*Eurípides, AS FENÍCIAS*



1.

A PARRHESIA<sup>3</sup> é o uso *perigoso*, afectual do discurso, o acto de verdade que mete em discussão as relações de poder assim como elas são *hic et nunc* na amizade, na política, no amor. O *parrhesiaste* não é aquele que diz a verdade mais dolorosa para destruir as ligações que unem os outros e que se fundam na recusa em aceitar esta verdade como inelutável. Quem faz uso da *parrhesia* mete em perigo em primeiro lugar a si próprio, expondo-se nos tecidos relacionais. A *parrhesia* é o acto de verdade que esclarece um ponto de vista superior em relação às coisas.

Onde a *parrhesia* não é possível, os seres estão em exílio, agem como escravos. Ainda que, para quem nela habita, a comunidade terrível seja como uma catedral no deserto, é no seu interior que se sofre o exílio mais amargo. Porque enquanto máquina de guerra unilateral, que deve manter um equilíbrio homeostático vital com o exterior, a comunidade terrível não pode tolerar que nas suas fileiras possam circular discursos perigosos para si própria. Para se poder perpetuar, a comunidade terrível tem a necessidade de colocar o perigo no seu exterior: será o Estrangeiro, a Concorrência, o Inimigo, a Bófia. Assim, a comunidade terrível aplica no seu interior o mais rígido policiamento discursivo, tornando-se na própria censura.

---

3. [nt] Palavra grega recuperada por Foucault: "Mais precisamente *Parrhesia* é uma actividade verbal através da qual o orador expressa a sua relação pessoal com a verdade, e arrisca a sua vida por reconhecer a afirmação da verdade como um dever no aperfeiçoamento ou ajuda a outras pessoas (bem como a si mesmo). Na *parrhesia* o orador usa a sua liberdade e escolhe a franqueza em detrimento da persuasão, a verdade em detrimento da mentira ou do silêncio, o risco da morte em detrimento da vida e da segurança, a crítica em vez da lisonja, e um dever moral em vez do interesse próprio e da apatia moral." (Discurso e verdade: a problematização da *Parrhesia*. Seis lições apresentadas por Michel Foucault na Universidade de Berkeley, 1983)

2.

LÁ ONDE A PALAVRA muda da repressão faz ouvir a sua voz, nenhuma outra palavra tem direitos de cidadania enquanto estiver excluída de uma efectividade imediata. A comunidade terrível é uma resposta à afasia<sup>4</sup> que o regime biopolítico impõe a todos, mas é uma resposta insuficiente porque se perpetua por censura interna, reproduzindo desta forma a ordem simbólica do patriarcado. Por isso não é, frequentemente, mais do que uma outra forma de polícia, um outro lugar onde se permanece no analfabetismo emocional ou num estado de menoridade infantil, com o pretexto de uma ameaça externa. Porque a criança não é tanto aquele que não fala, mas aquele que é excluído dos jogos de verdade.

3.

O MUNDO JÁ-NÃO-MUNDO, este mundo *esquartejado*, vive na autocelebração patética que se chama, ainda, "espectáculo".

O espectáculo roça o dúbio, reduz a consciência a uma passividade anestesiante. Aquilo que a democracia biopolítica pede à consciência é de assistir à destruição, não enquanto destruição efectiva, mas enquanto espectáculo. Enquanto a comunidade terrível pede que se ajude à destruição *enquanto destruição*, de modo a alterná-la, para que possa durar, com breves períodos de reconstrução colectiva.

3 bis.

NÃO HÁ NENHUM DISCURSO de verdade, há só *dispositivos* de verdade. O espectáculo é o dispositivo de

---

4. Afasia, do Grego *aphasia*: mudez, perda total ou parcial da fala; estado de indiferença ou indecisão perante uma proposição problemática.

verdade que consegue fazer funcionar a seu favor qualquer outro dispositivo de verdade. Espectáculo e democracia biopolítica convergem no aceitar de qualquer regime de falso discurso, pronunciado por qualquer sujeito, desde que permita o perpetuar da paz armada vigente. A proliferação da insignificância visa cobrir toda a extensão do existente.

4.

A COMUNIDADE TERRÍVEL conhece o mundo, mas não *se* conhece. Isto porque *é*, no seu aspecto afirmativo, um ser não reflexivo, mas estagnante. Para compensar, no seu aspecto negativo, *existe* na medida em que nega o mundo, e portanto a si própria, sendo feita à sua imagem. Não há nenhuma consciência para lá da existência, e nenhuma autoconsciência para lá da actividade, mas sobretudo, não há consciência da actividade de inconsciente autodestruição. A partir do momento em que a comunidade terrível se perpetua agindo sob o olhar hostil dos outros, absorvendo este olhar como objecto e não como sujeito de tal hostilidade, esta pode amar e odiar só *por reacção*.

5.

A COMUNIDADE TERRÍVEL é um aglomerado humano, e não um grupo de companheiros. Os membros da comunidade terrível encontram-se e agregam-se infelizmente mais por acaso do que por escolha. *Não se acompanham*, não se conhecem.

6.

A COMUNIDADE TERRÍVEL é atravessada por todos os tipos de cumplicidades - como poderia sobreviver de outra maneira? - mas de maneira diferente dos antepassados dos quais se reivindica herdeira, tais cumplicidades não determinam em nenhum caso a sua forma. A sua forma é acima de tudo a *desconfiança*. Os membros da comunidade terrível desconfiam uns dos outros, porque nada conhecem nem de si nem dos outros e porque nenhum deles conhece a comunidade da qual faz parte: trata-se de uma comunidade da qual não há história possível, portanto impenetrável e impossível de exprimir senão naquilo que tem de imediato; mas trata-se para além disso de uma imediatez inorgânica, que nada revela. A exposição que ali se pratica é mundana e não política: até na solidão heróica do amotinado aquilo que se estima é o seu corpo em movimento e não a coerência entre este corpo e o seu discurso. Razão pela qual a clandestinidade, o passa-montanhas e o jogo da guerra fascinam e enganam ao mesmo tempo: o polícia provocador é também ele um amotinado...

6 bis.

"LIDAMOS com um dispositivo de desconfiança total e circundante, porque não há nenhum ponto absoluto. A perfeição da vigilância é uma soma de malevolências."

Michel Foucault em *Panóptico*

7.

DADO QUE as cumplicidades existem, os membros da comunidade terrível suspeitam que exista também um projecto, que permanece porém obscuro. Daqui nasce a desconfiança. A desconfiança que sentem reciprocamente os membros da comunidade terrível é muito maior do que a que nutrem em relação aos cidadãos do resto do mundo: estes últimos, na verdade, não se escondem do facto de terem muito a esconder, conhecem a imagem que é suposto terem e oferecerem ao mundo do qual fazem parte.

8.

SE APESAR do seu panoptismo interno, a comunidade terrível não se conhece, é porque não é cognoscível e, nesta medida, é tão perigosa para o mundo quanto para si própria. É a comunidade da inquietude, mas desta inquietude é também a primeira vítima.

8 bis.

A COMUNIDADE TERRÍVEL é uma soma de solidões que se vigiam sem se proteger.

9.

O AMOR entre os membros da comunidade terrível é uma tensão inexaurível que se nutre daquilo que o outro esconde e não revela: a sua banalidade. A invisibilidade da comunidade terrível para si própria consente-lhe amar-se cegamente.

10.

A PRÓPRIA IMAGEM pública exterior é aquilo que interessa menos à comunidade terrível, porque está consciente de ser postiça. Igualmente enganadora é a imagem de si, a publicidade de si que a comunidade difunde no seu interior, mas pela qual ninguém se deixa enganar.

Porque aquilo que mantém junta a comunidade terrível é aquilo que se encontra *para cá* da própria publicidade, aquilo que apenas deixa ver aos seus membros e adivinhar pelo exterior. É informada *da banalidade do seu privado, do vazio do seu segredo e do segredo do seu vazio*; por isso, para se perpetuar, produz e segrega a comunidade pública.

10 bis.

A BANALIDADE DO PRIVADO das comunidades terríveis esconde-se porque essa banalidade é a banalidade do mal.

11.

A COMUNIDADE TERRÍVEL não repousa em si própria, mas no desejo que o exterior lhe põe em cima, que toma inevitavelmente a forma de mal-entendido.

12.

A COMUNIDADE TERRÍVEL, como todas as formações humanas nas sociedades capitalistas avançadas, funciona com uma economia de prazer sado-masoquista. A comunidade terrível, diversamente de tudo o resto, não admite o próprio masoquismo fundamental, e os desejos nos

quais participa prendem-se a este mal-entendido.

O “selvagem” suscita desejo, mas este desejo é um desejo de domesticação, e portanto de aniquilação; assim como a criatura comum, confortavelmente sentada no próprio quotidiano, é erótica só na medida em que se quereria manchar-lhe irreparavelmente a pureza. O facto deste metabolismo emotivo continuar escondido é uma contínua fonte de sofrimento para os membros da comunidade terrível, que se tornam incapazes de avaliar as consequências dos seus gestos afectivos (consequências que desmentem constantemente as suas previsões). Os membros das comunidades terríveis desaprendem assim progressivamente a amar.

13.

A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL no seio da comunidade terrível funda-se na humilhação sistemática, na pulverização da auto-estima dos seus membros. Ninguém se pode acreditar portador de uma forma de afecto que tenha direitos de cidadania na comunidade. O tipo hegemónico de afecto no interior da comunidade terrível corresponde paradoxalmente à forma que no exterior é considerada mais atrasada.

A tribo, a vila, o clã, o grupo, o exército, a família são universalmente reconhecidos como as formações humanas mais cruéis e menos gratificantes, mas persistem, não obstante tudo, no interior da comunidade terrível. As mulheres devem assumir um tipo de virilidade que hoje em dia nas democracias biopolíticas até os machos recusam; e tudo isto sentindo-se como mulheres com uma feminilidade defeituosa em relação à fantasia masculina dominante

também no seio da comunidade terrível, que é a da mulher plástica e “sexy” (a imagem de puro invólucro de carne que é a *jeune-fille*) para uso e consumo da sexualidade genital.

14.

NA COMUNIDADE TERRÍVEL as mulheres, não se podendo transformar *em* homens, devem tornar-se como os homens, permanecendo sempre furiosamente heterossexuais e prisioneiras dos estereótipos mais retrógados. Se na comunidade terrível ninguém tem o direito de dizer a verdade sobre as relações humanas, para as mulheres isso é duplamente verdade: a mulher que faz uso da *parrehsia* no seio da comunidade terrível será imediatamente catalogada como histérica.

14 bis.

EM CADA comunidade terrível ocorre o estupefaciente *silêncio das mulheres*. De facto, a patofobia da comunidade terrível manifesta-se regularmente como repressão indirecta da palavra feminina, estranha e inquietante porque palavra de carne. Não é que se façam calar as mulheres; simplesmente a fronteira com a loucura, na qual a sua palavra de verdade se poderia dar, é directamente apagada dia após dia.

15.

“NÃO É QUE AS MULHERES tivessem mais dificuldade em cumprir as acções: elas eram também mais corajosas, mais capazes, mais preparadas e mais motivadas do que os homens. Mas era-lhes concedida menos autonomia no

plano da iniciativa: era como se florescesse instintivamente uma diferença na preparação e nas discussões colectivas, e o seu voto contasse menos. O problema estava no grupo: era um comportamento anódino, um não-dito, ou mesmo um "está calada!" lançado em plena discussão [...] Esta espécie de discriminação não era o resultado de uma discussão prévia, era algo que vinha do exterior, em parte inconscientemente, algo que estava para lá da vontade. Algo que não se podia resolver com uma declaração ideológica ou com uma escolha racional".

I. Faré, F. Spirito, *Mara e le altre*

15 bis.

SENDO QUE A COMUNIDADE TERRÍVEL se baseia em relações inconfessadas, acaba inevitavelmente por se afundar nas relações mais residuais e "primitivas". As mulheres estão destinadas à gestão das coisas concretas, das tarefas comuns, e os homens à violência e à direcção. Nesta esqualida reprodução de clichés sexuais já obsoletos, a única relação possível entre um homem e uma mulher é uma relação de sedução, mas como a sedução generalizada poderia levar á explosão da comunidade terrível, esta é severamente conduzida na forma dominante do casal, heterossexual e monogâmico.

16.

«É VERDADE QUE OS GRUPOS se desgastam por acção de forças muito diversas, que produzem neles núcleos internos de tipo conjugal e estatal, e que os levam a uma outra

forma de sociabilidade, preenchendo os afectos de rebanho com sentimentos familiares ou inteligibilidade de Estado. O centro ou os buracos negros internos exercem a função principal. Nisto o evolucionismo pode ver um progresso, na aventura que acontece também aos grupos humanos quando reconstituem um familiarismo de grupo, ou também um autoritarismo, um fascismo de rebanho».

G. Deleuze, F. Guattari, *Mille Plateaux*

16 bis.

TAMBÉM AS AMIZADES, no seio da comunidade terrível, reentram no imaginário estilizado e raquítico que distingue qualquer sociedade heterossexual e monogâmica. Já que as relações interpessoais nunca devem ser postas em discussão e são dadas como adquiridas, a questão das relações homem-mulher não pode ser tocada e é sistematicamente resolvida "à antiga", de maneira proto-burguesa ou vetero-proletária. As amizades permanecem então rigorosamente monossexuais, homens e mulheres desgastam-se numa estranheza invencível, que lhes permitirá, no momento certo, formar eventualmente um casal.

17.

O FAMILIARISMO não implica de modo algum a existência de famílias reais; aliás, a sua difusão maciça acontece no preciso momento em que explode a família enquanto entidade fechada, contaminando por reacção toda a esfera de relações que até agora lhe escapavam. "O familiarismo

consiste no negar magicamente a realidade social, no evitar todas a conexões com os fluxos reais” (F. Guattari, *A Revolução Molecular*). Quando a comunidade terrível, para se reassegurar, nos diz que no fundo não é mais do que “uma grande família”, volta-nos à ideia o arbítrio, a reclusão, a moleza e o moralismo que acompanharam a instituição familiar na sua existência histórica; só que agora, com o pretexto de nos preservar, tudo isto é imposto *sem a instituição*, isto é, *sem a possibilidade de o denunciar*.

17 bis.

A PARTE DE HUMILHAÇÃO e de degradação dos homens consiste na obrigação de exhibir *constantemente* as próprias capacidades numa qualquer forma de performace virilóide. O *contrótipo* não tem espaço na economia afectiva da comunidade terrível, na qual só o estereótipo, em última análise, prevalece, só o líder é *objectivamente* desejável. Qualquer outra posição é insustentável sem admitir implicitamente uma incapacidade congénita de existir singularmente; mas os despojos relativos aos estereótipos são alimentados sem pausa pelo impiedoso metabolismo afectivo da comunidade terrível. Quando o *contrótipo*, por exemplo, se procurar desfazer do seu próprio ser, será empurrado com violência para dentro da cela da mesma “insuficiência”. O *contrótipo*-bode expiatório funciona para todos como um espelho deformante, que reassegura perturbando.

Implicitamente, permanece-se na comunidade terrível para não se ser nem o Líder nem o *contrótipo*, enquanto eles permanecem *porque não têm escolha*.

18.

TODA A COMUNIDADE TERRÍVEL tem o seu Líder, e vice-versa.

18 bis.

*EM TODOS OS LUGARES ONDE AS RELAÇÕES não são problematizadas, as formas antigas reflorescem em toda a potência da sua brutalidade adiscursiva: o forte prevalece sobre o fraco, o homem sobre a mulher, o adulto sobre a criança e assim por diante.*

19.

O LÍDER não tem necessidade de se afirmar, pode até brincar e fingir que é o *contrótipo* ou ironizar acerca da sua virilidade. O seu carisma não tem necessidade de ser performativo, porque é objectivamente atestado pelos parâmetros biométricos dos desejos da comunidade terrível e da *efectiva* submissão dos outros homens e mulheres.

20.

O SENTIMENTO FUNDAMENTAL que liga a comunidade terrível ao seu Líder não é a submissão mas a *disponibilidade*, isto é, uma variante sofisticada da obediência. O tempo dos membros da comunidade terrível deve continuamente passar pela peneira da disponibilidade: potencial disponibilidade sexual relativa ao Líder, disponibilidade física para as mais diversas tarefas, disponibilidade afectiva para suportar qualquer mazela devida à inevitável distração dos outros. Na comunidade terrível a disponibilidade é a interiorização artística da disciplina.

21.

TANTO O DESEJO do Líder como o *desejo de ser Líder* sabem estar condenados a um fracasso inevitável. Porque a mulher do Líder (sabem-no todos) é a única a não ser vítima da sua pantomina sedutora, na medida em que verifica quotidianamente o vazio: o privado dos dominantes é sempre o mais miserável. De facto o Líder é desejável no interior da comunidade terrível como o é uma mulher ativa e sofisticada na democracia biopolítica. O desejo sexual que os homens e as mulheres dirigem ao Líder, e que lhe investe uma aura tão intensa que faz com que os olhares se voltem espontaneamente para ele, não é mais do que um desejo de humilhação. Deseja-se desnudar o Líder, ver o Líder satisfazer verdadeiramente e sem dignidade a parada de desejos que suscita para prevalecer. Todos odeiam o Líder, como os homens odiaram as mulheres por milénios. No fundo todos desejam *domesticar* o Líder, porque todos detestam a fidelidade que lhe é velada.

CADA UM DETESTA O PRÓPRIO AMOR PELO LÍDER.

22.

O PESSOAL, na comunidade terrível, *não é* político.

23.

O LÍDER é quase sempre um homem porque age em nome do Pai.

24.

AGE EM NOME do Pai aquele que se *sacrifica*. O Líder é, na verdade, aquele que perpetua a forma sacrificial da comunidade terrível com o próprio sacrifício e com a exigência de sacrifício que faz pesar sobre os outros. No entanto já que o Líder não é o tirano - ainda que seja tirânico - não diz abertamente aos outros o que devem fazer; o Líder não impõe a sua vontade, mas deixa que se imponha orientando secretamente o desejo dos outros, que é sempre, em última análise o desejo de lhe agradar. À pergunta "Que devo fazer?" o Líder responderá sempre "Aquilo que quiseres" porque sabe que a sua mesma existência na comunidade terrível impede os outros de quererem algo diferente daquilo que ele quer.

25.

AQUELE QUE AGE em nome do Pai não poder ser posto em discussão. Onde a força se transforma em ponto de discussão, o discurso reduz-se a balelas ou a desculpas. Enquanto existir um Líder - e portanto a sua comunidade terrível - nunca haverá *parrhesia* e os homens, as mulheres e o próprio Líder estarão no exílio. Não se pode pôr em questão a autoridade do Líder enquanto os factos mostrarem que se o ama, ainda que se deteste o amor que se tem por ele. Acontece que o Líder se coloque a si próprio em discussão, e é então que um outro toma o seu lugar, ou que a comunidade terrível, tendo ficado *acéfala*, morre de uma lenta hemorragia.

26.

O LÍDER é *realmente* o melhor do seu grupo. Não usurpa o lugar de ninguém e todos estão conscientes de tal. Não tem que lutar pelo consenso, porque é ele que se sacrifica mais ou que é mais sacrificado.

27.

O LÍDER nunca está só, porque todos estão atrás dele, mas é ao mesmo tempo o ícone da solidão, a figura mais trágica e iludida da comunidade terrível. É só em virtude do facto de estar já à mercê do cinismo e da crueldade dos outros (que não estão no seu lugar), que o Líder é por vezes verdadeiramente amado e preferido.



### **Forma**

*das razões da existência dos infames e de como os  
irmãos de hoje se tornam nos inimigos de amanhã.  
do fascínio discreto da ilegalidade e das suas  
armadilhas ocultas.*



1.

A COMUNIDADE TERRÍVEL é um dispositivo de poder pós-autoritário. À superfície não tem nem burocracias nem formas constrangedoras, mas para produzir tanta verticalidade no seio da informalidade deve recorrer a configurações arcaicas, a papéis ultrapassados que sobrevivem ainda nos entulhos subterrâneos do inconsciente colectivo. Por isso a família não é o seu modelo organizativo, mas o seu precedente directo na produção de constrangimentos informais e dos irreduzíveis conceitos de ódio e amor.

2.

ENQUANTO FORMAÇÕES pós-autoritárias, as empresas da “nova economia” são a título seguro comunidades terríveis. Não se veja enquanto contradição a proximidade da vanguarda do capitalismo com a vanguarda da sua contestação: são ambas prisioneiras do mesmo princípio económico, da mesma ânsia de eficácia e organização ainda que situando-se em terrenos diferentes. *Na verdade servem-se da mesma modalidade de circulações de poder, e por isso são politicamente vizinhas.*

3.

A COMUNIDADE TERRÍVEL, parecida então com a democracia biopolítica, é um dispositivo que governa a passagem de potência a acto nos indivíduos e nos grupos. Neste dispositivo aparecem só os fins e os meios para os atingir, mas o *meio sem fim* que preside a este processo, ainda que permanecendo inconfessável, nunca se mostra, já que não

é outra coisa senão a ECONOMIA. É sobre a base do critério *económico* que os papéis, os direitos, as possibilidades e as impossibilidades são distribuídas.

4.

ENQUANTO A COMUNIDADE TERRÍVEL se refira à prática da prestação económica do seu inimigo como álibi para justificar a própria, não sairá de nenhuma das suas indecisões.

A "estratégia", cavalo de batalha das comunidades terríveis, na verdade não revela mais do que a proximidade incestuosa entre a crítica e o seu objecto, proximidade que na maior parte dos casos acaba por se tornar em familiaridade, se não num parentesco tão próximo que os torna indistinguíveis.

Uma determinada reivindicação, na medida em que não aspira a destruir o contexto na qual nasceu, e uma denúncia dos mecanismos de poder, que porém não aspira a demolir, conduzem mais cedo ou mais tarde à estrada impoética da gestão, reconduzindo portanto à raiz de cada comunidade terrível.

5.

A INFORMALIDADE, na comunidade terrível, é sempre dirigida por uma distribuição de tarefas implícita e extremamente rígida. É só na base de uma *mudança explícita das responsabilidades e das suas prioridades* que a circulação do poder pode ser modificada.

6.

A COMUNIDADE TERRÍVEL é uma continuação da política clássica por outros meios. Chamamos “política clássica” à política que mete no seu centro um sujeito fechado, cheio e auto-suficiente – na sua variante de direita – e um sujeito num contingente estado incompleto, devido a circunstâncias que serão transformadas para alcançar a suficiência monádica – na sua variante de esquerda.

7.

A COMUNIDADE TERRÍVEL, no fim de contas, não pode excluir ninguém, porque não tem nem uma lei nem uma forma explícita. Pode apenas incluir.

Para se renovar deve portanto destruir gradualmente aqueles que dela fazem parte, de outra maneira correria o risco de uma completa estagnação. Vive do sacrifício, assim como o sacrifício é a condição para lhe pertencer. De resto, só isso funda a efémera confiança recíproca dos seus membros. Sem isso a comunidade terrível teria uma necessidade assim tão grande de acção? Meteria um tal ardor a renovar-se na agitação mais frenética?

7 bis.

QUANTO MENOS UMA COMUNIDADE tem a percepção da sua própria existência, maior é a necessidade de actualizar exteriormente o próprio simulacro, no activismo, nas reuniões constrangedoras e, enfim, na contínua e metastática<sup>5</sup> discussão acerca de si mesma. A incansável autocrítica colectiva, à qual se dedicam sempre

---

5. Metástase, do Gr. Metástasis: mudança de lugar, figura de retórica, pela qual o orador declina de si para outrem a responsabilidade do que alega.

mais visivelmente quer o management de vanguarda quer os neo-militantes informais, demonstra amplamente a decisiva fraqueza da sua própria percepção de existir.

8.

CERTAS COMUNIDADES TERRÍVEIS de luta foram fundadas por sobreviventes de um naufrágio, de uma qualquer devastação, mas em todos os casos de um tamanho considerável. A memória dos sobreviventes não é a memória dos vencidos, mas aquela dos excluídos *do combate*.

8 bis.

POR ESTA RAZÃO, a comunidade terrível nasce como exílio no exílio, memória no esquecimento, tradição intransmissível. O sobrevivente não é nunca aquele que estava no centro do desastre, mas quem se mantinha à distância, quem habitava as suas margens.

Do mesmo modo, no tempo da comunidade terrível, a margem tornou-se centro e o centro perdeu toda a vitalidade.

9.

A COMUNIDADE TERRÍVEL não tem fundamento, porque não tem consciência do seu início e não tem consciência do seu destino; regista-se só no boca a boca, como uma coisa já percorrida desde sempre, e portanto só através do olhar dos outros, da repetição, da anedota: "lembras-te...?"

10.

A COMUNIDADE TERRÍVEL é um presente que passa e que não se supera, e por isso não tem amanhã. Ultrapassou a frágil linha que separa a resistência da persistência, o *déjà-vu* da amnésia.

11.

A COMUNIDADE TERRÍVEL não percebe a sua própria existência senão na ilegalidade. No entanto, qualquer troca humana sado-masoquista *para lá da relação mercantil* é destinada cedo à ilegalidade, enquanto violenta metáfora da inconfessável miséria actual. É só na ilegalidade que a comunidade terrível se percebe e existe, ainda que negativamente, como exterior à esfera da legalidade, como criação que se liberta a si própria. Mesmo não reconhecendo a legalidade como legitimidade, a comunidade terrível pôde fazer da própria negação o espaço da própria existência.

11 bis.

É COM BASE NO MASOQUISMO que a comunidade terrível estipula fugazes alianças com os oprimidos, arriscando encontrar-se rapidamente no papel inaceitável do sádico. Acompanha assim os excluídos na estrada da integração, observa-os afastarem-se cheios de ingratidão e tornarem-se mesmo naquilo que ela queria derrotar.

12.

(DA PRIVAÇÃO DO SEGREDO. O ARREPENDIMENTO – A INFÂMIA). A força e a fragilidade da comunidade terrível são o seu modo de habitar o risco. De facto, esta não vive intensamente a não ser quando se encontra em risco. Este perigo refere-se ao arrependimento dos seus membros. O arrependimento<sup>6</sup> – *do ponto de vista do infame* – está longe de

---

6. [N.T.] De *pentimento* no original: o *pentito* (arrependido) é uma figura jurídica criada em Itália nos anos 70 para ajudar os processos contra os movimentos antagónicos e posteriormente contra a Máfia, os *pentiti* diminuíam ou apagavam as suas acusações denunciando outras pessoas envolvidas com eles nas acções pelas quais eram acusados.

ser ilegítimo, porque aquele que se arrepende é alguém que teve uma “iluminação”: sujeito à observação inquisidora que suspeita dele reconhece-se de uma só vez como membro do projecto suspeito. Confessa uma verdade que nunca viveu, e que nem sequer imaginava antes que a inquisição lhe viesse a exigir.

12 bis.

CADA ARREPENDIDO é essencialmente um mitómano (do mesmo modo que o são aqueles que afirmam ter visto a virgem maria), actualiza frente às autoridades a sua própria esquizofrenia; torna-se assim indivíduo, nunca tendo assumido a sua dividualidade: crê-se - ou quer crer-se - finalmente justo, coerente. Troca as suas passadas cumplicidades reais com uma cumplicidade inexistente com o inimigo de sempre, toma-se a si próprio por inimigo. O que, diga-se de passagem, se torna efectivo a partir do arrependimento. Mas o infame não faz mais do que trocar um sado-masoquismo inconsciente por um outro sado-masoquismo, consciente e eticamente indigno. Sacrifica a duplicidade da esquizofrenia para recair naquela do traidor.

13.

«AS MULHERES eram tratadas como objectos sexuais, excepto quando participavam nas acções: então eram tratadas como homens. Era esta a única relação de igualdade. Muitas vezes faziam mais do que os homens, tinham realmente mais coragem. [...] Foi assim que, pela primeira vez, nos vimos confrontados com o problema dos traidores: por causa

da insensibilidade do grupo. [...] Hella e Anne Katrine não disseram nada sobre mim, fui o único do grupo a não acabar atrás das grades. Tinha uma certa relação com elas, elas tinham um grande amor por mim...»

Bommi Baumann, *Como Tudo Começou*

13 bis.

QUANDO revelada pelo arrependido, a verdade da comunidade terrível é condenada, já que vive na ignorância do seu segredo, protegida pela sua sombra, em vez de ser ela a protegê-la. Os vergonhosos segredos das comunidades terríveis acabam nas bocas indiferentes dos homens da lei e a hipocrisia circunstante que os manteve, de repente, finge ignorá-los. O cúmplice de ontem escandaliza-se, investe o próprio devir-infame na variante do delator ou do desassociado<sup>7</sup>.

Assim a pedofilia, a violação conjugal, a corrupção, o acto mafioso, comportamentos fundamentais do *ethos* dominante até ontem, serão num só golpe denunciados como comportamentos criminosos.

14.

A NECESSIDADE DE JUSTIÇA é *necessidade de punição*. Que faz florir a raiz comum, sado-masoquista, que sustenta a conformidade ética das comunidades terríveis e a sua inconfessada ligação com o Império.

<sup>7</sup>. *Dissociato*: outra figura jurídica do mesmo contexto, o desassociado não se arrepende, assume a sua exclusão voluntária dos processos antagónicos em curso.

15.

(DA PRIVAÇÃO DO PERIGO: A LEGALIZAÇÃO – A TRAIÇÃO DOS IDEIAIS). O abraço que mantém juntas as carnificinas das democracias biopolíticas, o do biopoder, reside na possibilidade de privar em qualquer instante as comunidades terríveis da liberdade de viver no risco. Isto produz-se através de um movimento duplo: de subtração-repressão, portanto de violência, e ao mesmo tempo de adição-legitimação, portanto de condescendência. Através destes dois movimentos, o biopoder priva a comunidade terrível do seu espaço de existência e condena-a à persistência, porque é ele que delimita a zona que lhe reserva. Agindo desta maneira transforma a utopia em atopia e a heterotopia em distopia. Localizada e identificada, a comunidade terrível, que faz tudo para fugir à cartografia, torna-se num *espaço como os outros*.

15 bis.

SINCRONIZANDO O TEMPO VISCOSO e disforme da comunidade terrível com a temporalidade do fora, o biopoder priva a comunidade terrível do espaço de risco e do perigo. É suficiente que o biopoder reconheça a comunidade terrível, porque assim esta perde o poder de despedaçar o caminho ordenado do desastre com a irrupção da sua clandestinidade. Quando a comunidade terrível é inserida na publicidade do mesmo modo que tantas outras fissuras, é localizada e territorializada num fora da legalidade que é subitamente englobado, *enquanto fora*.

16.

MAIS UMA VEZ é a invisibilidade para si própria que mete a comunidade terrível à mercê de um reconhecimento unilateral com o qual em todo caso não pode interagir.

16 bis.

SE A COMUNIDADE TERRÍVEL recusa o princípio de representação, não foge por isto à representação. A invisibilidade da comunidade terrível para si própria torna-a infinitamente vulnerável ao olhar de outros, porque, é sabido, a comunidade não existe senão nos olhos dos outros.



**Aqueles que ficam  
Aqueles que partem**

*das pessoas que vivem como sonâmbulos, de corações partidos e de quebra-corações.*

*Ainda alguns pontos sobre o mau uso das boas intenções.  
(Razões pela qual a estratégia sozinha não funciona e as relações humanas não são "uma questão de psicanálise").*

*"Aber Freunde! Wir kommen zu spät!"  
(Amigos Meus! Chegamos demasiado tarde!)*

*F. Hölderlin*



1.

ENTRAMOS na comunidade terrível porque, no deserto, quem procura não encontra mais nada. Atravessamos a arquitectura humana vacilante e provisória. No início apaixonamo-nos. Entrando nela, sentimos que foi construída com lágrimas e sofrimentos e que para continuar a existir precisa de mais, mas isso é pouco importante. A comunidade terrível é acima de tudo o espaço da devoção, e isso comove-nos, desperta em nós o "reflexo da cura".

2.

MAS NA COMUNIDADE TERRÍVEL, quando se chega, as relações estão já degradadas, já não são jovens, infelizmente! Como os seixos do leito de um rio demasiado rápido, os olhares, os gestos e a atenção estão consumidas.

Há qualquer coisa que falta, tragicamente, à vida na comunidade terrível, porque já não há espaço para a indulgência, e a amizade, tantas vezes traída, é concedida com uma parcimónia deprimente.

Quer se queira quer não, aqueles que passam, aqueles que chegam, pagam pelos erros dos outros. As pessoas que queriam poder amar estão já demasiado saturadas para poder escutar as suas boas intenções.

«Com o tempo tudo se vai...». Será então necessário vencer a suspeita dos outros, ou antes aprender a suspeitar *como os outros*, para que a comunidade terrível possa ainda abrir os seus braços fechados. Com a capacidade de ser *duros* com os recém-chegados, demonstraremos enfim a nossa solidariedade para com a comunidade terrível.

2 bis.

«Aquela crueldade estava nos seus sorrisos, naquilo que lhes dava maior prazer, no modo como comunicavam entre eles, na maneira como viviam e morriam. O azar do outro era a sua maior fonte de alegria, e eu perguntava-me se, nos seus espíritos, isso reduzia ou aumentava a possibilidade de ver o enésimo azar acontecer-lhes a eles. Na verdade o desastre pessoal não era uma probabilidade, mas uma certeza. A crueldade fazia parte deles, da sua ironia, das suas relações, do seu pensamento. Todavia, o seu isolamento enquanto indivíduos era tão grande que não creio que imaginassem que tal crueldade perturbava os outros»

Colin Turnbull, *Les Iks*

2 ter.

NA COMUNIDADE TERRÍVEL chega-se sempre *demasiado tarde*.

3.

A FORÇA da comunidade terrível advém da sua violência. A violência é a sua verdadeira razão e o seu verdadeiro desafio. Mas não extrai daí consequências porque, em vez de a usar para encantar, faz dela um uso que afasta o que lhe é exterior e lacera o que está no seu seio. A extrema justiça da sua violência é comprometida pela recusa em sondar a sua origem, que não é, como se acredita, o ódio ao inimigo.

4.

A COMUNIDADE TERRÍVEL é uma comunidade hemorrágica, já que o tempo dos heróis é um tempo vivido como decadência, como oportunidade perdida, *déjà-vu*. Os seres não fazem acontecer o evento, mas antes o aguardam como espectadores. E, nesta espera, a sua vida é sangrada num activismo que deveria ocupar o presente e provar-lhe a existência, até ao esgotamento.

Mais que passividade, ocorreria falar em inércia agitada. Assim como nenhuma posição se apresenta como definitivamente atribuída pela decomposição do corpo social, do qual a democracia biopolítica é sinónimo, o máximo de inércia e o máximo de mobilidade são nela igualmente possíveis. Mas uma "estrutura de movimento", para consentir a mobilidade, deve construir uma arquitectura que as pessoas possam atravessar. Nas comunidades terríveis isto acontece, portanto, através das singularidades que aceitam a inércia, mesmo se com isto tornam ao mesmo tempo possível e radicalmente impossível a comunidade. Só o Líder tem o ingrato dever de gerir e regular o equilíbrio impossível entre inertes e agitados.

4 bis.

NA MEDIDA em que a comunidade terrível se funda na divisão entre membros estáticos e membros móveis, esta já perdeu a sua aposta. Enquanto comunidade falhou a si própria.

5.

A FACE DOS INERTES é a recordação mais dolorosa para quem passou pela comunidade terrível. Destinados a ensinar qualquer coisa que eles próprios não conseguiram conquistar, muitas vezes os inertes presidem, como polícias melancólicos, às margens dos territórios desertos.

Habitam um espaço que sem dúvida lhes pertence: mas sendo tal espaço estruturalmente público aí figuram do *mesmo modo que todos os outros*. Não podem aí fazer valer o direito de ter um lugar próprio, já que a preventiva renúncia a este direito foi o lhes permitiu aceder a esse espaço. Os inertes habitam a comunidade como os reformados habitam o jardim, mas cada passo atravessa-os, porque eles próprios são o jardim e a disposição deste é homogênea à disposição da sua vida.

Os inertes são anjos desesperados e transtornados que, não tendo encontrado a vida em nenhum canto do mundo, começaram a habitar um lugar de passagem. Por um tempo circunscritos podem imergir-se na comunidade: a sua solidão é infinitamente impermeável.

6.

TODOS CONHECEM aqueles que estão sempre lá. São apreciados e detestados como todos aqueles que cuidam e permanecem onde os outros vivem e passam (a enfermeira, a mãe, os velhos, os seguranças dos jardins públicos). São o falso espelho da liberdade, eles, os assíduos, os escravos de uma servitude imediata que os ilumina com uma luz resplendente: os combatentes, os irredutíveis, os

sem-privado, os sem-paz. Acabam por encontrar a raiva para combater nas suas vidas mutiladas; atribuem as suas feridas a uma luta nobre e imaginária, enquanto se feriram a sós treinando-se no desmaio. Na verdade nunca tiveram a possibilidade de pisar um campo de batalha: o inimigo não os reconhece, toma-os enquanto um simples distúrbio, a sua indiferença empurra-os à loucura, à comum insignificância, à ofensiva suicida. O alfabeto do biopoder não tem letras para se recordar do seu nome; para o biopoder já desapareceram, mas no entanto resistem como fantasmas insatisfeitos. Estão mortos e sobrevivem no trânsito das faces que atravessam, sobre as quais têm mais ou menos influência, com quem dividem a mesa, a cama, a luta, até que os passantes passem, ou fiquem apagando-se, tornando-se nos inertes de amanhã.

6 bis.

«NOS GRUPOS, muitas mulheres tinham tido experiência como empregadas e secretárias. Levavam aos grupos toda a eficiência do seu profissionalismo depois de terem abandonado o próprio trabalho. Nada tinha mudado para elas deste ponto de vista, excepto o facto de que agora se dedicavam à luta armada [...] as reuniões eram o centro vital e "significante" das casas. De resto, relativamente às condições materiais da vida quotidiana inteiramente devotada à luta externa, não havia nenhum problema. Fazíamos as compras normais no supermercado e quando tínhamos asseguradas cama e comida não havia mais problemas internos.»

I. Faré, F. Spirito, *Mara e le Altre*

7.

ENTRE OS INERTES, os mais mortos e mais implacáveis são aqueles que foram abandonados. Aqueles, cujo companheiro (ou companheira) ou amante partiu, permanecem; porque tudo o que resta daquele que desapareceu permanece na comunidade terrível e nos olhos que o viram. Quem perdeu a pessoa amada já nada tem a perder e, frequentemente, é este nada que tem a oferecer à comunidade terrível.

7 bis.

«[...] A GUERRA contra um inimigo externo pacifica, mais ou menos por necessidade forçada, aqueles que levam para a frente a luta; a pertença a um grupo unificado por uma revolta absoluta não deixa espaço à diferença, às lutas internas; a fraternidade torna-se no pão indispensável e quotidiano nos momentos em que não explodem as contradições mais lacerantes. A pacificação interna é um momento de desinfecção projectado no ecrã gigante da luta do "contra"»

I. Faré, F. Spirito, *Mara e le Altre*

8.

PARA OS MILITANTES, o horizonte é a linha em direcção à qual se deve sempre marchar. Porque é lá, em qualquer parte, que estão aqueles que perderam.

### Notas para uma superação

*algumas indicações para superar a desventura presente: observações não exaustivas e não programáticas...*

*Oh meus irmãos, meus filhos, meus companheiros, amava-vos com toda a minha cólera mas não vos sabia dizê-lo, não sabia viver convosco, não conseguia alcançar-vos, tocar as vossas almas frias, os vossos corações desertados! Não encontrava palavras de coragem, palavras vivas para que o riso forçasse os vossos peitos e os enchesse de ar! Perdia a maldade de vos querer em pé, a raiva de pousar em vós os meus olhos abertos, a linguagem porque vos alcançava a minha recusa de nos ver envelhecer antes de ter vivido, baixar os braços sem os ter antes alçado, descer antes de ter querido sair. Não era suficientemente forte para afastar o sono, impedi-lo de vos empurrar para fora do mundo e do tempo, fazê-lo fugir para longe, porque da minha parte, estação após estação, enfraquecia, sentia os meus membros a amolecer, os meus pensamentos a desfazerem-se, a minha cólera a desaparecer e a vossa inexistência a vencer-me...*

J. Lefebvre, *A Sociedade do Consolo*

1.

A COMUNIDADE TERRÍVEL, há quem diga, é *como* tudo o resto, porque está *dentro* de tudo o resto.

2.

DEMOCRACIA BIOPOLÍTICA e comunidade terrível - uma enquanto axioma da distribuição das relações de força, a outra enquanto substracto efectivo das relações imediatas - constituem as duas polaridades do domínio presente. A tal ponto que as relações de poder que sustentam as democracias biopolíticas, para o dizer em palavras pobres, não poderiam concretizar-se *sem* as comunidades terríveis, que formam o substracto ético de tal realização: mais exactamente, a comunidade terrível é a forma passional desta axiomática que, sozinha, lhe permite dispersar-se por territórios concretos.

Em ultima instância, é só através da comunidade terrível que o Império consegue semiopertizar as formações sociais mais heterogéneas na *forma* da democracia biopolítica: na ausência de comunidades terríveis, a axiomática social da democracia política não teria nenhum campo sobre o qual se pudesse concretizar. Todos os fenómenos que combinam o arcaico (neo-esclavagismo, prostituição mundializada, neo-feudalismo de empresa, tráficos humanos de qualquer espécie) com a hiper-sofisticação imperial não se podem explicar sem esta mediação.

Isto não significa que aos gestos de destruição praticados pela comunidade terrível seja atribuído um qualquer valor subversivo. Enquanto regime de concretização desta axiomática, a comunidade terrível não tem nenhuma

vitalidade própria. Não há nela nada que lhe permita transformar-se numa qualquer outra coisa, nada que coloque os seres numa relação radicalmente transformada em comparação com o presente estado de coisas; *não há nada a salvar*. E é um facto que o presente está de tal forma saturado de comunidades terríveis, que o vazio determinado por cada ruptura parcial e voluntarista com estas é preenchido a uma velocidade estonteante.

É portanto absurdo que se pergunte o que fazer das comunidades terríveis, aquelas que estão já formadas, as que estão já em permanente dissolução e aquelas que reduzem ao silêncio qualquer insubordinação interna (tanto a parrhesia como tudo o resto). É, pelo contrário, de importância vital perceber em que condições concretas se poderá destruir a solidariedade entre democracias biopolíticas e comunidades terríveis. Para isso será preciso considerar com um olhar específico, o "olho do ladrão", aquilo que no interior do dispositivo materializa a possibilidade de lhe escapar. Partilhando este olhar, os corpos mais vivos farão acontecer aquilo a que a comunidade terrível involuntariamente alude: a sua própria desagregação.

As comunidades terríveis nunca são verdadeiramente vítimas da sua própria mentira, estão simplesmente afeiçoadas à sua própria cegueira, o que lhes permite continuar a existir.

2 bis.

CHAMÁMOS *comunidade terrível* a todo o ambiente que se constitui na base da partilha de uma mesma ignorância – *também* a ignorância do mal por ela produzido. O critério

vitalista, que vê no mal-estar sentido no interior de cada formação humana a tabuleta para descobrir a comunidade terrível, é frequentemente inoperante. A comunidade terrível mais “conseguida” ensina os seus membros a amar os próprios defeitos e a torná-los agradáveis. Neste sentido a comunidade terrível não é o sítio onde mais se sofre, mas o sítio onde se é menos livre.

3.

A COMUNIDADE TERRÍVEL é uma presença na ausência, já que é incapaz de existir sozinha, existe só em relação a uma qualquer outra coisa, que lhe é exterior. Não é portanto desmascarando as cedências ou os defeitos, mas sim os parentescos inconfessáveis da comunidade terrível, que esta será abandonada enquanto falsa alternativa à socialização dominante. É revoltando a sua infame *esquizofrenia* - «tu não estás só connosco; tu não és *suficientemente* puro» - em esquizofrenia *contaminante* - «todos estão *também* connosco e é isto que subverte a ordem presente» - que os membros da comunidade terrível podem fugir ao *double bind*<sup>8</sup> no qual estão encerrados.

4.

NÃO É LIBERTANDO-SE de um Líder específico que alguém se liberta da comunidade terrível; o lugar vazio será velozmente ocupado por outra pessoa qualquer, já que o Líder não é mais do que a personificação do desejo de cada um a deixar-se comandar. Não obstante o que diga, o Líder participa na comunidade terrível bem mais do que a comanda.

8. [nt] *Dupla prisão* – Em inglês no original.

É a secreção e a tragédia, o pesadelo e o modelo. Cabe à educação sentimental de cada um subjectivar e dessubjectivar o Líder de um modo diverso do seu. Desejo e poder nunca estão acorrentados à enésima configuração: basta fazê-los tropeçar, desfazer a sua dança.

Frequentemente basta um certo olhar céptico para demolir de modo duradouro o Líder enquanto tal, e de tal modo o seu lugar.

5.

TODA A FRAQUEZA da comunidade terrível está no seu enclausuramento, na sua incapacidade de sair de si própria. Não sendo um todo vivo mas uma construção periclitante, é tão incapaz de adquirir uma vida interior como de a nutrir de alegria. Paga-se deste modo o erro de ter confundido a felicidade com a transgressão, já que é a partir desta última que se reforma em continuação o sistema de regras não escritas, e portanto ainda mais implacáveis, da comunidade terrível.

6.

DESTE MODO se explica o medo da "recuperação" próprio da comunidade terrível: é esta a melhor explicação para o seu enclausuramento e para o seu moralismo. Com o pretexto de "não se vender", a comunidade terrível não consegue ver que já foi comprada *para permanecer onde está*. A resistência torna-se retenção: a velha tentação de acorrentar a beleza à sua irmã, a morte, que empurra os orientais a encher gaiolas com pássaros magníficos que nunca mais irão

voar nos céus, os pais ciumentos a trancar as filhas mais belas e os avaros a encher os seus armários com lingotes de ouro, acaba por invadir a comunidade terrível. Tanta beleza trancada definha.

E as princesas encarceradas nas suas torres também sabem que a chegada do príncipe encantado é só o prenúncio da segregação conjugal, e que aquilo que é preciso é abolir de um só golpe as prisões e os libertadores e que aquilo que necessitamos não são programas de libertação mas *práticas de liberdade*.

Nenhum abandono da comunidade terrível é possível sem a criação de uma situação insurrecional e vice-versa. Longe de preparar as condições insurrecionais, a sua própria definição como ilusória diferença, como algo *substancialmente diferente*, não é mais do que um resíduo de consciência induzido pela ausência de tais condições. A exigência de uma coerência identitária em cada um equivale à exigência de uma castração generalizada, à endovigilância difusa.

6 bis.

O FIM da comunidade terrível coincide com a abertura ao evento: é à volta do evento que as singularidades se agregam, aprendem a cooperar e a tocar-se. A comunidade terrível, entidade animada de um inesgotável desejo de auto-conservação, passa o possível pelo filtro da compatibilidade com a sua própria existência, em vez de se organizar em torno da sua eclosão.

Por isso cada comunidade terrível desenvolve com o evento uma relação de rejeição defensiva e compreende a

relação com o possível em termos de produção ou de exclusão, seduzida pela opção de o dirigir, sempre secretamente atraída pelo seu totalitarismo latente.

7.

«O HOMEM não vale pelo trabalho útil que fornece mas pela força contagiosa que possui para galvanizar os outros numa dissipação *livre* da sua energia, da sua alegria e da sua vida: um ser humano não é só um estômago para encher, mas um ser demasiado cheio de energia para esbanjar.»

G. Bataille, *Introdução ao Acéfalo* n.º 1

Sabemos por experiência que na vida profissional – e portanto na vida em geral – nada se paga e aquele que vence é sempre quem dá mais e sabe gozar melhor. *Organizar* a circulação de outras formas de prazer significa alimentar um poder inimigo a qualquer lógica de repressão. Por outro lado é verdade que *para não tomar o poder é necessário já o ter em grau suficiente*.

Opor às variáveis do poder um outro registo do jogo não equivale a condenar-se a não ser levado a sério, mas sim a tornar-se portador de uma outra economia do desperdício e do reconhecimento. As margens de gozo existente no interior dos jogos *de poder* alimentam-se com sacrifícios e humilhações reciprocamente trocadas; o prazer de comandar é um prazer que se paga e nisso o modelo de domínio biopolítico é perfeitamente compatível com todas as religiões que fustigam a carne, com a ética do trabalho e com o sistema penitenciário,

tal como a lógica da mercadoria e do hedonismo o é com a ausência de desejo, da qual é um paliativo.

Para dizer a verdade, a comunidade terrível nunca consegue bloquear a potência de devir inerente a qualquer forma-de-vida e é isto que permite demolir as relações de força internas, e de interrogar o poder até nas suas formas pós-autoritárias.

8.

TODA A AGREGAÇÃO humana que se situe numa perspectiva exclusivamente ofensiva e assediante no confronto com o seu próprio exterior é uma comunidade terrível.

Para acabar com a comunidade terrível, é necessário acima de tudo renunciar a *definir* como o "fora" substancial aquilo que, fazendo este gesto, nós próprios *produzimos* como "fora" - «a sociedade», «a concorrência», «os bloom» ou outra coisa qualquer. O verdadeiro "outro lugar" que nos falta criar não pode ser sedentário, é uma nova coerência entre os seres e as coisas, uma dança violenta que restitua à vida o próprio ritmo, substituindo ao momento das macabras decadências da civilização industrial, uma re-invenção do jogo entre as singularidades – uma nova arte das distâncias.

9.

A EVASÃO é como a abertura da porta de um muro: primeiro tem-se a impressão de ver menos longe: o nosso olhar abandona o horizonte e para sair ocupa-se dos detalhes.

Mas a evasão não é mais do que uma simples fuga:

deixa intacta a prisão. O que ocorre fazer é uma deserção, uma fuga que destrua ao mesmo tempo a prisão inteira.

Não há deserções individuais, em sentido estrito. Cada desertor leva consigo um bocado do moral da tropa. Com a sua simples existência, é a recusa em acto da ordem oficial; e todas as relações em que entra se encontram contaminadas pela radicalidade da sua situação.

Para o desertor é uma questão de vida ou de morte que as relações tecidas não ignorem nem a sua solidão, nem a sua finitude, nem a sua exposição.

10.

O PRESSUPOSTO fundamental de uma agregação humana subtraída à influência da comunidade terrível são as novas declinações das três coordenadas fundamentais da existência *física*: a solidão, a finitude e a vulnerabilidade. Na comunidade terrível estas coordenadas declinam-se no plano do medo, segundo os eixos dos imperativos de sobrevivência. Porque é o medo a fornecer a consistência necessária a todos os fantasmas que acompanham a existência retorcida por estes imperativos – o primeiro dos quais é o fantasma da penúria, frequentemente assimilado como horizonte à priori e supra-histórico da «condição humana».

No sua *Apresentação de Sacher-Masoch*, Deleuze demonstra que, para lá da fixação psiquiátrica do masoquismo em perversão e da caricatura do masoquista como contra-personagem do sádico – os romances de Masoch metem em cena um jogo de sistemática degradação da ordem simbólica do Pai, jogo que implica – ou pressupõe no momento em que é

posto em cena – uma comunidade de designações que supera a divisão entre homens e mulheres; todos os elementos que constituem a cena masoquista convergem no efeito procurado: a ridicularização prática da ordem simbólica do pai e a desactivação dos seus atributos essenciais – a indefinida suspensão da pena e a sistemática rarefacção do objecto de desejo.

Todos os dispositivos que visam produzir em nós uma identificação pessoal com as práticas pertencentes à dominação são igualmente, mesmo talvez exclusivamente, destinados a produzir em nós um sentimento de vergonha, tanto vergonha de si próprio como pelo facto de se ser um homem, um ressentimento que visa a nossa relação com a dominação. São tais vergonhas e tais ressentimentos a fornecer o espaço vital da contínua reprodução da ordem e da acção do Líder.

Reencontramos aqui a confirmação da existência do insolúvel *nexus* entre medo e superstição, constatado na aurora de todas as revoluções, entre crise da presença e suspensão indefinida da pena, entre a *economia do desejo e a ausência do desejo*. Que isto seja dito de passagem e só para recordar quanto é profunda a estratificação dos processos de sujeição que sustêm neste momento a existência da comunidade terrível.

De que modo o «o jogo de Masoch» pode ser generalizado e, revogando a alternativa entre domínio e submissão, transformar-se numa greve humana?

De que modo o facto de brincar com o *nexus* do domínio pode produzir a superação do patamar da encenação, e deixar

o campo livre à expressão de formas-de-vida praticáveis?

E, para voltar à pergunta inicial, de que modo tais formas-de-vida poderão novamente derrotar a solidão, a finitude e a vulnerabilidade?

Esta pergunta é a de uma nova educação sentimental, que inculca o soberano desprezo por qualquer posição de poder. Que mina a directiva de o desejar e nos aproxima do sentimento de ser responsável pelo nosso ser e portanto solitário, finito, exposto.

Ninguém é responsável pelo lugar que ocupa, mas só pela identificação com o próprio papel.

A potência de cada comunidade terrível é assim a potência de existir na sua ausência no *interior* dos seus sujeitos.

Para se libertar desta, ocorre começar a aprender a habitar os espaço entre nós e nós próprios que, deixado vazio, se torna o espaço da comunidade terrível.

Para que nos desfaçamos das nossas identificações, para que nos tornemos infiéis a nós próprios, *para nos desertarmos*.

Exercitando-nos para nos tornarmos uns para os outros o lugar de tal deserção,

Encontrando em cada encontro a ocasião de uma decisiva subtracção ao nosso próprio espaço existencial,

Medindo o facto de que só uma fracção infinitesimal da nossa vitalidade nos foi subtraída pela comunidade terrível e se fixou na enorme engrenagem dos dispositivos,

Experimentando em nós próprios o ser estranho que desde sempre nos desertou e que funda toda a possibilidade de viver a solidão como condição do encontro, a finitude como condição de um prazer inaudito, a vulnerabilidade como uma nova geometria das paixões,

Oferecendo-nos como o espaço de uma fuga infinita,  
Senhores de uma nova arte das distâncias.

*Aber das Irrsal Hilft.*

*(Mas errar ajuda)*

F. Hölderlin

### Post-scriptum

Todos conhecem as comunidades terríveis por lá terem passado ou porque ainda lá estão. Ou simplesmente porque essas são sempre mais fortes do que as outras e por isso nelas permanecemos sempre parcialmente – mesmo já tendo saído. A família, a escola, o trabalho, a prisão são as faces clássicas desta forma contemporânea de inferno, mas são as menos interessantes porque pertencem a uma figura passada da evolução da mercadoria que não cessa de sobreviver a si própria, até ao presente. Há no entanto comunidades terríveis que lutam contra o estado das coisas existente, que são melhores e mais atraentes do que “este mundo”. E ao mesmo tempo a sua maneira de estar mais próxima da verdade - e portanto da felicidade - afasta-as mais do que qualquer outra coisa da liberdade.

A pergunta que, enfim, se nos impõe é de natureza ética antes de política, já que as formas clássicas do político são chibatas e as suas categorias estão-nos apertadas como as nossas roupas de criança. A questão é saber se preferimos a eventualidade de um perigo desconhecido à certeza do doloroso presente. Ou seja, se queremos continuar a viver e a falar de acordo (dissidente claro, mas sempre de acordo) com o que foi feito até agora – e portanto com as comunidades terríveis – ou se queremos interrogar a partícula do nosso desejo que a cultura ainda não infestou com o seu opressor pântano, procurar – em nome de uma felicidade inédita – um caminho diferente.

Este texto nasceu como contribuição para essa viagem.